

ENTREVISTA

PSICANÁLISE E
EPISTEMOLOGIA
HISTÓRICA
ENTREVISTA COM
MARCELA BATÁN

LUIZ SÉRGIO DUARTE

Universidade Federal de Goiás
Goiânia | Goiás | Brasil
sergio.duarte.ufg@gmail.com
orcid.org/0000-0003-1541-3206

SABRINA COSTA BRAGA

Universidade Federal de Goiás
Goiânia | Goiás | Brasil
sabrincostabraga94@gmail.com
orcid.org/0000-0001-9164-7560

Esta entrevista foi concedida em 30 de novembro de 2018 durante o *VI Colóquio de História e Filosofia da Ciência: as Ciências Humanas*, realizado na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Marcela Renée Becerra Batán é doutora em Filosofia (UNC), Professora Titular de Epistemologia das Ciências Sociais na Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidad Nacional de San Luis (UNSL), e coordenadora do projeto de investigação “Epistemología, Psicoanálisis y Ciencias Humanas. Normalización, Clasificación y Subjetividad”. Na presente entrevista, Marcela Batán nos fala um pouco sobre sua trajetória de pesquisa e o percurso que ela e colegas filósofos, psicanalistas e educadores seguiram em suas reflexões e trocas sobre as relações entre psicanálise, epistemologia e as ciências humanas em geral, além do efeito de normalização atual nas práticas da psicologia e da pedagogia. A professora também trata brevemente de temas como a subjetividade em Michel Foucault e o uso da psicanálise por Gaston Bachelard.

*Transcrição e tradução de Taynna Marino
Universidade Adam Mickiewicz | Poznań, Polónia*

Revista de Teoria da História

Estamos aqui com a professora Marcela Batán, da Universidade Nacional de San Luis, na Argentina. Ela está participando do Colóquio de História e Filosofia da Ciência. Então, professora, eu, hoje, ouvi você falando de psicanálise e epistemologia. Poderia falar um pouco mais sobre isso para nós?

Marcela Batán

Claro! Isso tem a ver com o que foi a invenção de uma comunidade, de um pequeno grupo na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nacional de San Luis, que é um encontro entre pessoas que têm se dedicado à filosofia, outros que vieram da psicanálise – quer dizer, de outra formação e de outra práxis –, e também gente que se dedica à educação. Três exercícios diferentes, três formações, três práticas diferentes. Contudo, nos reunia a inquietude epistemológica para analisar, refletir, criticar nossas próprias práticas, sobretudo, estando a cargo da formação de futuros psicólogos, psicanalistas, educadores da educação comum e da educação especial. Em um primeiro momento, então, tive que definir como nos encontrávamos nessa encruzilhada de certos saberes, mas também de diferentes práticas. E nessa encruzilhada, tentamos posicionar, examinar, indagar e esclarecer alguns temas. Primeiro foi a interpretação, passamos seis anos nesse diálogo. Depois, hoje, os eixos normalização, classificação e subjetividade são mobilizados de diferentes maneiras nas práticas das ciências humanas e da psicanálise. Para eles, um estilo de fazer epistemologia, a epistemologia histórica, que nos permite fazer esse trabalho por várias razões. Primeiro, porque uma epistemologia é inseparável de uma história da constituição das ciências humanas, uma epistemologia inseparável da história da constituição desse campo em particular que se chama psicanálise, e também é uma epistemologia inseparável da atualidade dessas disciplinas e dessas práticas, quer dizer, uma epistemologia sempre comprometida com a indagação da história da atualidade das ciências humanas e da psicanálise. Isso nos pareceu importante. E, nessa encruzilhada, conversávamos. Podemos distinguir dois movimentos: um que vai da epistemologia à psicanálise e às ciências humanas. Então é a pergunta, digamos, filosófico-histórica por psicanálise e ciências humanas. Mas, também nos deixamos instruir, nos deixamos interpelar, nos deixamos ensinar, e a questão foi da psicanálise à filosofia e ao resto das ciências humanas, sobretudo a educação. O que da experiência da psicanálise, da experiência inaugural de Freud, o que do que significa a experiência analítica pode nos ensinar a filosofia? Nesse sentido, é a partir do analista que conseguimos trabalhar algumas questões, não é? O que se verifica na experiência analítica, essa não convergência entre a verdade e o saber. O que se verifica nela acerca do mal-estar da sexualidade humana? O que se verifica nela, de qualquer forma, é a primeira pergunta a que chega sempre alguém a uma análise: o que está acontecendo comigo? Uma pergunta que é uma demanda de saber a outras questões, a pergunta: com o que me satisfaço? A pergunta por diversão... Então, também são essas questões verificadas na experiência analítica que nos teriam que ensinar a filosofia. Essas questões, me parece, nos trazem os colegas psicanalistas a partir do que se apresenta a eles hoje, na clínica, e as que nos trazem os colegas da educação especial, que se apresentam como um desafio para a educação. Essas questões nos faziam pensar e nos perguntávamos: que ferramentas da epistemologia histórica, autores como Canguilhem, Foucault, Ian Hacking ou como Lorraine

Daston nos podem servir para este diálogo? Isso foi um pouco, nesses anos, o encontro: a condição dos problemas, eger as leituras que íamos fazendo, as análises que fizemos, mas, a partir do que nos trazia as práticas dos colegas, o que passava, poderíamos dizer, e o que passa com a subjetividade do sofrimento de nossa época e nosso San Luis, onde há fenômenos que crescem, diagnósticos que se multiplicam exponencialmente, por exemplo crianças e adolescentes com problemas de atenção, hiperatividade e outras maneiras diferentes de categorizar esse transtorno. Hoje, um grupo de colegas estuda como estão crescendo os diagnósticos em torno da dislexia e das dificuldades que se apresentam na leitura, que se apresentam precisamente no âmbito educativo. O que a epistemologia histórica de inspiração francesa, por um lado com Canguilhem e Foucault e também com Hacking que é, como diria Braunstein, um foucaultiano criativo, que inova – sobretudo em um projeto que se chama “Making Up People” –, nos serviu para pensar esse fenômeno? Nesse curso de tempo fomos criando uma comunidade, um estilo de abordar perguntas e respostas, um estilo de indagar e responder, unir-se e ir incessantemente entre o ambiente universitário e os arredores, quer dizer, os colegas que trabalham no consultório, na escola pública, nos âmbitos de saúde mental e algumas horas na universidade trabalhando comigo no projeto e na epistemologia das ciências sociais. Então, ali, aconteceu uma interação muito interessante.

RTH

Então, seria bom que você falasse um pouco de como entende a proposta de Foucault do “cuidado de si”. Um modelo de subjetivação, não é?

Marcela Batán

Exatamente. Essa noção de cuidado de si ocupa um lugar importante no filosofar de Foucault, não só nos últimos tempos. Se alguém, inclusive, levar em consideração as *Leçons sur la volonté de savoir* já se vê que, desde cedo, foi um tema de inquietude de Foucault. O que se vê de Foucault nesse momento de nossa cultura, vê a noção e a prática do cuidado de si, a *epiméleia beautoû*. Entendê-la, parece-me, é uma atitude geral em relação aos outros, o mundo e si mesmo, como uma maneira de atenção que se volta do exterior para si mesmo e como uma série de práticas e exercícios e de ações que se cruzam sobre si para transformar-se, para que se alcance um estado de sabedoria ou purificação etc. Agora, bem, como essa prática do cuidado de si pode exercer-se no momento socrático-platônico, mais tarde no momento da antiguidade helenística e depois na antiguidade greco-romana tardia? O que acontece com essa prática de si a partir do cristianismo e a partir, sobretudo, do século IV, da emergência da prática da confissão? Com isso, em meio à nossa cultura há outra coisa, que é a hermenêutica de si. Ou seja, essa exigência de uma indagação contínua de si mesmo e uma verbalização exaustiva de todos os pensamentos, representações, ações e omissões em relação ao outro que o absolve. Então, a prática da confissão modifica essa cultura de si. Há esse momento de nossa cultura e há outro momento que, creio, também Foucault leva em consideração, que é o que ele chama de “momento cartesiano”. Antecipado em parte por Aristóteles e pelo trabalho teológico de São Tomás que poderia dizer que é uma mudança na relação do sujeito com a verdade. Já não se necessita uma prática de si para revelar a verdade. E a verdade, uma vez descoberta, não retorna aos sujeitos e os transforma, os ilumina... Não. A partir do momento cartesiano, só basta o

método. Não é necessário nenhum trabalho ético sobre si para revelar a verdade, só falta o método. Mas a verdade descoberta não salva, não ilumina, não brinda nenhuma modificação, não retorna à subjetividade. Então, nos perguntamos, fazendo essa genealogia, essa história da pragmática de si, de nossa cultura: o que sucede a partir de Kant? Kant retoma a pergunta “o que é a ilustração?”, retoma a atitude ou o *ethos* filosófico da pergunta “quem sou eu nesse momento da história?”, que é uma pergunta crítica à história da racionalidade, uma pergunta em relação à nossa atitude. E aí, inventando um pouco, nos perguntamos se a experiência inaugural da psicanálise vem a ser uma prática de si diferente que retoma a questão do sujeito e da verdade. Pensamos entender que a experiência inaugural da psicanálise não constitui uma hermenêutica de si. E quer dizer que aí, talvez, nos distanciamos de Foucault. E, claro, Foucault indagou a questão da psicanálise de várias maneiras em momentos diferentes. Na *História da Loucura* e em *As palavras e as coisas* há um lugar especial para Freud e a psicanálise. No entanto, parece-me que em textos posteriores, Foucault entende a prática da psicanálise como uma prática no interior do processo geral de normalização, como uma prática medicalizadora e relacionada com a confissão cristã, com essa obrigação de dizer tudo o que tem que dizer frente a um outro. Já não é direito de consciência, isso é psicanálise. No entanto, parece-nos também que a leitura que faz de Lacan e a referência de Lacan em *A hermenêutica do sujeito*, que diz que Lacan volta a colocar o tema do sujeito e da verdade... Essa leitura nos habilita pensar que haveria, talvez, um lugar diferenciado para situar a psicanálise. Certamente a psicanálise aparece no regime da ciência moderna. A psicanálise aparece já operada no momento de [...], digamos, a filosofia deixou de ser uma prática de espiritualidade e passou a ser um saber de conhecimento, ocupando um lugar na emergência da ciência moderna. Estamos em outro regime de verdade. Mas talvez a psicanálise aí seja uma prática que, de alguma maneira, se vincule com outra prática de si, esta não medicalizadora, não normalizadora e não confessional. Isso daria uma outra possibilidade de pensar o dizer por meio de Canguilhem, Foucault, Hacking, mas talvez outra prática possível do analista na contemporaneidade. Estou sendo muito sintética. E talvez recorrendo a leituras, a debates que foram passionais, acalorados, em cada um de seus pontos de vista, mas aprendemos tudo no processo. Creio que fizemos uma escola de depor a exclusividade do saber e de pontos de vista, de abrimos a escutar o outro, de depor os orgulhos intelectuais que não tenham sentido, narcisismo – talvez recordando o que já disse a expressão bachelardiana “uma psicanálise do conhecimento objetivo” – temos promovido uns aos outros. O reconhecimento de uma falta intelectual, da incompletude, da falta. Tudo isso cria uma forma de trabalhar.

RTH

Mas você também encontrou uma relação com a psicanálise com Bachelard?

Marcela Batán

Claro. Em Bachelard o que tenho tentado ver é quais são os usos que ele faz da psicanálise como filósofo da imaginação e como filósofo da racionalidade científica, às vezes não apenas de Freud, mas também de Jung e uma imensa biblioteca de psiquiatras, psicólogos de sua época. Parece-me que ele se pergunta, além do sujeito do conhecimento, as condições que possibilitam ou impedem a construção do objeto do conhecimento. Nesse sentido, sua noção de obstáculo epistemológico, quer dizer, a noção de que no ato mesmo de conhecer, se apresentam entorpecimentos, cegueiras, confusões, torpezas, às vezes pontos de inércia e de regressão. O que chamamos de obstáculo epistemológico de diversas índoles, ou seja, dar uma entidade na epistemologia a isso que vem do obstáculo e do horror que opera e opera paradoxalmente. Impede, mas possibilita, porque se não fosse isso, não haveria algo contra o qual ir, algo a ser rompido para depois reconstruir, porque sempre, como Bachelard dizia, se conhece contra um conhecimento anterior, destruindo o conhecimento mal feito e que a dinâmica mesma do conhecimento exige o obstáculo epistemológico como condição necessária. Portanto, fazer o exercício que ele propõe, como deixarmos a psicanálise e o conhecimento objetivo, a vigilância epistemológica, [inaudível] a noção freudiana de Supereu... São exercícios no momento mesmo que está se constituindo o sujeito do conhecimento, revisando os métodos, revisando a história da própria disciplina, nesse momento mesmo do sujeito. Já junto a outros, mais tarde, de maneira autocrítica e já em solidão, há de se levar adiante certos exercícios para que a tarefa epistemológica seja possível. E tratei de localizar em Bachelard um uso polêmico. Primeiro, parece que Bachelard polemiza com algumas noções de Freud para situar de maneira diferenciada sua própria maneira de entender, por exemplo, repressão, sublimação, inconsciente, para pôr uma questão epistemológica ou para propor algo da ordem de seus textos de filosofia da imaginação. Ele se vale de um conceito para criticá-lo e propor um próprio: isso é o que chamamos de uso polêmico. Então, distinguiria também um uso terapêutico, quer dizer, inspirando-se em certas terapias que propõe Freud, mas também outros analistas. Ele propõe terapias, ou seja, distintos trabalhos que o sujeito pode fazer sobre si mesmo, tanto em filosofia da imaginação, para trabalhar suas imagens e criar; quanto em epistemologia, para fazer um trabalho sobre os próprios obstáculos nessa marcha até o conhecimento objetivo, até a ruptura e a construção de um novo objeto. Então, as já mencionadas “psicanálise do conhecimento objetivo” e “vigilância epistemológica”, mas também outras terapias análogas, digamos, a topoanálise, a poético-análise, são todas propostas bachelardianas que trabalham sobre si à semelhança de certas psicanálises, que podem promover ao sujeito a criatividade, a arte como essência, a abertura de outras imagens e a possibilidade de outros novos objetos do conhecimento, a passagem do conhecimento comum ao conhecimento objetivo.

O uso hermenêutico, finalmente, quer dizer, o uso interpretativo, assim eu o chamaria. Às vezes Bachelard se vale de certas chaves que levam a Freud, ou certas chaves que remetem a Jung, sobretudo, para ler textos do passado, por exemplo, textos científicos do passado ou textos do presente, textos de poetas, ou também para analisar o que acontece na cena educativa. Então, os princípios de Jung, muito mais que os de Freud, especialmente as noções de complexo e arquétipo, lhe servem como chave interpretativa para ler textos científicos do passado. Aqui havia um obstáculo epistemológico, havia uma imagem que tem a ver com um complexo, com um arquétipo, que estava impedindo a conceitualização disso, ou imagens em torno dos elementos primordiais, o fogo, a água, o ar e a terra, são algo assim como o elemento primeiro e a gramática fundamental desse poeta, de onde surgem todas as outras imagens. E também se vale dessa chave, parece-me, para ver a cena educativa, na sala de aula, quando novamente ressurgem obstáculos epistemológicos que podem ser superados pela história da ciência. No jovem e na criança que estuda física, que estuda química, que se aproxima das primeiras noções de ciência, é possível ver aparecerem, diz ele, imagens primitivas em torno dos fenômenos que se estão estudando em física ou química. Então, como ele trabalha com certas chaves de Freud e Jung para encontrar isso, há uma presença paradoxal, limita e possibilita esses obstáculos epistemológicos, ou a presença de imagens que estão presentes em poetas e em crianças e adolescentes aprendendo ciências. Por que o desafio educativo seria duplo, o desafio educativo seria, para Bachelard, não? A ser entendido. Como educar pela razão científica sem matar as potências criativas da razão e da imaginação? Como educar, levar a criança do conhecimento comum ao conhecimento científico e, nesse caminho, não sacrificar, não dar outro destino a todo esse capital poético, toda essa riqueza poética que está nas imagens familiares, no conhecimento comum, na linguagem comum? Há um capital poético que inclusive remonta às experiências primeiras que tivemos na infância com a água, o ar, a terra e o fogo, dos lugares que crescemos. Os rios de minha San Luis, da minha Córdova, em que nasci, as experiências com os quatro elementos, que são experiências situadas em uma história, uma cultura, mas são experiências que também vão muito mais longe, tem a ver apenas com complexos, mas também remontam a arquétipos que já são algo assim como esquemas *a priori* da imaginação humana, que trazem a história pessoal e a biografia individual. Não sei se... mas são os usos que faz a psicanálise, usos que eu chamei de usos polêmicos, usos terapêuticos e usos interpretativos. Ele se serve de Freud, mas muito mais frequentemente de Jung, para fazer algo com eles. Não sei se estou sendo clara. E de alguma maneira, nós também podemos dizer que trabalhando com colegas analistas e colegas educadores, nos servimos da filosofia para conversar com colegas e encontrar maneiras de pensar e fazer diferente, e eles, por sua vez, se servem da filosofia para pensar e fazer diferente em seus respectivos espaços. Uns e outros nos reabilitamos em usos, em usos enriquecedores, múltiplos, complexos dos quais saímos com algumas riquezas, algumas fecundidades, para ser, fazer e pensar de outro modo e onde nos toque, na pesquisa, na educação, muitas vezes no âmbito da clínica, em instituições públicas ou espaços privados. Como ser e fazer de outro modo o exercício epistemológico? Como ser, pensar e fazer de outro modo na práxis analítica? Eles já vêm formados com toda uma literatura psicanalítica, já vêm formados também nos três pilares de ensino de sua formação, a própria análise, a supervisão, a formação psicanalítica propriamente dita. Da mesma maneira, na educação, meus colegas também vêm com uma formação já adquirida, os pedagogos, os educadores da educação especial. E os filósofos também vêm com

uma formação, um ofício, uma maneira de levantar e resolver problemas, mas sinto a exigência de me ocupar, como diria Canguilhem, de matérias estrangeiras; uma filosofia aberta às práticas sociais da época. Nos tem interessado, sobretudo, as práticas que fazem a subjetividade que sofrem hoje.

RTH

Gostaria, somente, que você retornasse em um ponto que para nós é especialmente importante, que é o de como uma abordagem como essa que você faz se distingue de um modelo normatizador do exercício atual da psicologia e da pedagogia.

Marcela Batán

Parece-me que, a partir de Canguilhem e Foucault, entendemos a emergência das ciências humanas no interior de um processo geral de normalização de âmbito maior: educação, saúde, segurança, produção... Mas, evidentemente, não havia emergência das ciências humanas – não me parece que essa é a lição de *O Nascimento da Clínica* – sem levar em conta a matriz do que é a bipolaridade médica normal/patológica. Essa marca está na própria origem, na própria emergência histórica das ciências humanas, em sua certidão de nascimento: processo geral de normalização; bipolaridade médica normal/patológica; entender como as ciências humanas tiveram a ver com as técnicas anátomo-políticas e biopolíticas de vigilância dos corpos; vigilâncias hierárquicas e sanções normalizadoras, sobretudo o exame como técnica; e, em seguida, o controle social das populações que fazem emergir o homem como a figura da população. Parece-me que, se admitimos que não é simples, mas que revisar a história da própria da constituição das ciências humanas no interior desses elementos, que nos dão Canguilhem e Foucault, nos faz compreender esse caráter normalizador das ciências humanas, porque aí a norma e o normal estão na interseção entre anátomo e biopolítico, a questão da norma e do normal.

Uma epistemologia histórica das nossas próprias disciplinas que pode ser uma história crítica. E essa história crítica nos permite criar e fazer de outro modo nossas práticas hoje. E aí também nos acompanha Ian Hacking, com sua proposta do projeto “Making up people”, suas reflexões sobre o efeito de arco, ou *looping effect*, das aulas nas ciências humanas, como foi se complexificando seu modelo, que se situa entre um realismo dinâmico e um nominalismo dialético, uma ontologia histórica de Foucault. Claro que se trata de uma generalização do que Foucault propôs, isso me parece interessante, porque nos permite propor com colegas como emergiram recentemente uma série de categorias, por exemplo, nos manuais estatísticos com os quais lidam os psiquiatras - o famoso de DSM, a última edição DSM-5 - como surgem novas classificações de transtornos mentais, como essas classificações geram critérios, como isso interage com pessoas classificadas e os comportamentos delas são julgados de certa maneira. Com isso também vão sendo geradas emergências de instituições em distintos âmbitos acadêmicos e não acadêmicos nos quais proliferam essas classificações, como vão gerando conhecimentos especializados e não especializados, e como tudo isso vai sendo assumido por profissionais que trabalham em instituições que certificam esse conhecimento, que diagnosticam a partir dele... Isso tem efeito sobre subjetividades, vão se refinando as categorias e assim é o efeito, *o looping effect*. Bem, é isso que tem nos interessado e há alguns casos concretos. Destaco [inaudível] e seu grupo, que está estudando

o autismo como classificação interativa; aos colegas de San Luís que estão estudando os diagnósticos de dislexia e como estão crescendo exponencialmente. Mas como você bem disse, são todas classificações que surgiram no âmbito da normalização – e muitas vezes da normalização em instituições pedagógicas. É ali que se visualiza a criança que apresenta diferenças na maneira que lê, que escreve, que presta atenção etc. Há uma medicalização, medicamentação e patologização das infâncias e da adolescência que está preocupando muito os analistas e educadores (da educação comum e especial) que não querem aderir à normalização, à medicalização, à patologização e à medicamentação, e sim tratar a questão de outra forma. Eles me ensinam muito.

PSICANÁLISE E EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA
ENTREVISTA COM MARCELA BATÁN
TEXTO SUBMETIDO EM 13/07/2020 • ACEITO EM 18/11/2020.
REVISTA DE TEORIA DA HISTÓRIA | ISSN 2175-5892



ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO LIVRE DISTRIBUÍDO NOS TERMOS DA LICENÇA *CREATIVE COMMONS ATTRIBUTION*, QUE PERMITE USO IRRESTRITO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO EM QUALQUER MEIO, DESDE QUE O TRABALHO ORIGINAL SEJA CITADO DE MODO APROPRIADO